

A REALIZAÇÃO DA EPÊNTESE EM CRIANÇAS COM E SEM O DESVIO FONOLÓGICO EVOLUTIVO

Ananda Ramos-Pereira ¹

Vanessa Henrich ²

Letícia Pacheco Ribas ³

RESUMO

As crianças desenvolvem a linguagem nos anos iniciais de vida através do processamento fonológico. Tal processamento, para ser considerado normal, deve estar concluído até aproximadamente os cinco anos de idade. Muitas vezes, durante a aquisição fonológica, percebem-se estratégias de reparo que facilitam a produção do alvo na impossibilidade de sua realização. É a partir de estudos na área da Linguística e da Fonologia Clínica que os fenômenos que ocorrem na aquisição fonológica típica e atípica podem ser explicados, permitindo um melhor entendimento sobre o que ocorre com a linguagem. Além disso, o estudo contribui para que as ações desenvolvidas nas terapias fonoaudiológicas sejam balizadas pelos achados de pesquisa e utilizadas de modo mais profícuo com as crianças que apresentam alterações de natureza fonológica. Nesse sentido, este estudo visa à elucidação de fatos relacionados à aquisição do *onset* complexo e o uso da estratégia de reparo chamada 'epêntese'. Com o objetivo de auxiliar no entendimento sobre o uso dessa estratégia de reparo, este trabalho demonstrou que, na aquisição fonológica típica, é possível verificar uma maior ocorrência de epêntese, se comparado a crianças que apresentam desvio fonológico evolutivo e o que parece influenciar tal ocorrência é a pergunta a que se pretende responder.

Palavras-chave: Aquisição Fonológica. Onset Complexo. Epêntese. Desvio Fonológico.

ABSTRACT

Children develop language in the initial years of life by phonological processing. This process, to be considered normal, must be completed until approximately five years old. Often during the phonological acquisition are noticed repairment strategies that facilitate the production of the target in the impossibility of its realization. It is from studies in Linguistics and Phonology Clinic that the phenomena that occur in typical and atypical phonological acquisition can be explained, enabling a better understanding of what happens with the language. Moreover, it contributes to the development of speech-language therapies to be buoyed by the findings of this research and used in a more effective way with children who have phonological disorders. Thus, this study aims to elucidate the facts related to the acquisition of complex onset and the use of repair strategy called 'epêntese'. Aiming to assist in understanding the use of this repair strategy, this study demonstrate that in phonological acquisition is typically possible to verify a higher occurrence of epêntese compared to children with phonological disorder and what seems to influence this occurrence is the question that is intended to be answered.

Keywords: Phonological Acquisition. Onset Complex. Epêntese. Phonological Disorders.

¹ Fonoaudióloga. Mestranda em Linguística pela PUCRS. E-mail: ananda.ramos@gmail.com.

² Fonoaudióloga. E-mail: vanessahenrich@hotmail.com.

³ Graduação em Fonoaudiologia (IMEC/IPA). Mestrado e Doutorado em Letras (PUCRS). Professora titular e coordenadora do Curso de Fonoaudiologia da Universidade Feevale. E-mail: leticiaribas@feevale.br.

INTRODUÇÃO

A aquisição fonológica é o processo pelo qual as crianças adquirem a linguagem. Para ser considerado normal, o domínio do sistema fonológico da língua-alvo deve ser atingido espontaneamente, em uma sequência comum à maior parte das crianças e dentro de uma determinada faixa etária (LAMPRECHT, 1999).

Espera-se que a criança inicie a aquisição da linguagem, em seu aspecto da produção, com as vocalizações e o balbucio por volta de um ano de idade. E a conclusão desse processo dá-se com a aquisição do *onset* complexo aos cinco anos de idade, aproximadamente, conforme aponta Ribas (2002).

Quando se estuda o processo de aquisição fonológica, vê-se que determinados fonemas não são simplesmente adquiridos, mas que em geral ocorre uma etapa em que o fonema aparece, ou seja, surge no vocabulário da criança, e estes começam, de certa forma, a ocuparem sua posição no sistema fonológico, para, então, partir gradativamente para a etapa de aquisição plenamente estabelecida. É comum, portanto, observar regressões de uso durante o desenvolvimento da linguagem.

É nesse contexto que aparecem os processos fonológicos ou estratégias de reparo, que são utilizadas pelas crianças na impossibilidade de produzir a fala complexa dos adultos da comunidade linguística em que vivem.

O aparecimento dessas estratégias de reparo é esperado e considerado normal, se permanecerem por um período limitado e se o fonema for gradativamente adquirido na idade esperada. Para Spíndola et al. (2007), essa ocorrência deve estar presente nas primeiras fases do desenvolvimento linguístico e deve ser superada à medida que a criança for aprendendo sua língua.

Desse modo, vê-se a necessidade do conhecimento científico pelos estudiosos da língua, entre fonoaudiólogos e linguistas, para que se possa compreender a formação da estrutura complexa, suas variações durante a aquisição e as estratégias de reparo utilizadas pelas crianças.

Na tentativa de verificar a ocorrência da epêntese durante a aquisição fonológica típica e atípica, este trabalho tem como foco estudar a aquisição do *onset* complexo segundo os padrões típicos. Nesse sentido, o estudo tem como objetivo

traçar um perfil do sistema fonológico dos sujeitos estudados para responder à seguinte pergunta: se há preferência pela ocorrência da epêntese por algum dos grupos (típico ou atípico), por que isso ocorre?

EPÊNTESE COMO ESTRATÉGIA DE REPARO

A formação dos itens lexicais da língua é regida pela organização em sequência dos fonemas para formar as sílabas. Quando pensamos no *onset* complexo, a aquisição dessa estrutura demanda mais habilidade com os fonemas, pois ele representa uma sílaba complexa, constituída por duas consoantes e uma vogal.

Conforme Matzenauer (2004), a sílaba deve ser composta obrigatoriamente de um núcleo, sendo o *onset* e a coda elementos adicionais e facultativos para o português brasileiro. Segundo a abordagem métrica de Selkirk (1982), a estrutura dessa sílaba é representada da seguinte maneira:

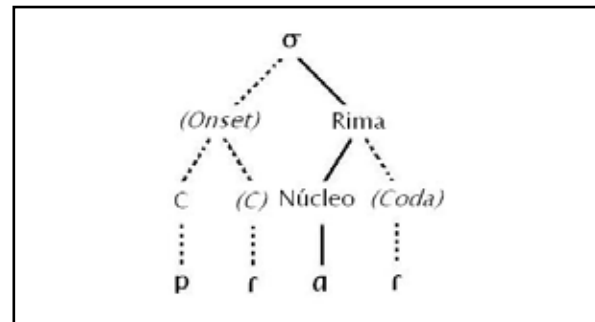


Figura 1 – Sílaba do Português Brasileiro

O *onset* complexo, no português brasileiro, respeita uma sequência organizada dos fonemas, onde na posição de C_1 os fonemas que poderão ocupá-la são as plosivas ou fricativas labiais e, em C_2 , poderá ocupar apenas as líquidas /r/ e //.

Portanto, os grupos consonantais permitidos no português são: /pr, pl, br, bl, tr, tl, dr, kr, kl, gr, gl, fr, fl, vr/. Ribas (2004) refere que, ao estudar sobre a aquisição do *onset* complexo, verificou que, dentre essas possibilidades, há preferência por determinados encontros consonantais, o que também foi verificado por Albano (2001). O grupo do “tr” foi o mais atrativo, “pr” e “br” em segunda posição e o grupo “dr” o mais evitado.

Embora haja uma preferência por determinados grupos, o estudo de Ribas (2002) demonstra que não há uma ordem para a aquisição do *onset* complexo,

sugerindo que ambos, /r/ e /l/, são adquiridos na posição de C₂ por volta de cinco anos de idade em crianças falantes de português brasileiro.

Alguns estudos, como de Teixeira (1997), Freitas (1997), Fikkert (1994), referidos por Ribas (2004), defendem que o processo do desenvolvimento do *onset* complexo segue uma ordem que inicia com nenhuma realização das consoantes, depois, com a produção apenas da líquida que ocupa C₂, seguida da realização correta. Além disso, a criança poderia passar por estágios intermediários, realizando a semivocalização das líquidas.

Ribas (2002) relata que o modo como as crianças lidam com o alvo é exemplificado nos tipos de estratégia de reparo utilizados e é feito de maneira muito particular. A autora defende a ideia de que não há um consenso para a aquisição dessa estrutura silábica, pois fica evidente que existem diferenças individuais de cada sujeito no uso das estratégias de reparo.

Espera-se que a aquisição segmental e a de todas as estruturas silábicas estejam concluídas até os quatro anos, excetuando-se a do *onset* complexo, que vai alcançar a estabilidade no sistema somente um ano depois, aos cinco anos. Assim, tem-se a seguinte ordem de aquisição: CV > > CVV > > CVC > > CCV (LAMPRECHT, 1990, *apud* RIBAS, 2004).

Ribas (2002) refere que poderia, ainda, esperar-se que a aquisição do *onset* complexo deveria ser estabelecida, primeiramente, com a líquida lateral /l/, já que essa é adquirida aos dois anos e oito meses em *onset* absoluto e aos três anos em *onset* medial, sendo que a aquisição do /r/ em *onset* medial é verificada aos quatro anos e dois meses. No entanto, esse fato não é verificável nos estudos acima citados. O que podemos observar é uma grande variação entre os sujeitos.

A figura abaixo ilustra a aquisição de segmentos silábicos, segundo Ribas (2004), em que as linhas pontilhadas representam o que está sendo adquirido.

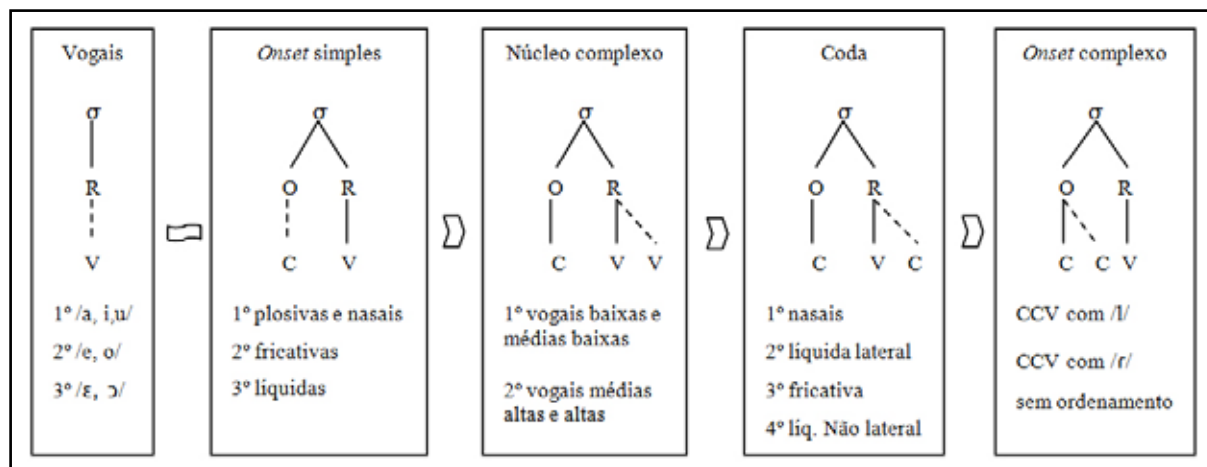


Figura 2 – Esquema ilustrativo da aquisição dos segmentos nas posições silábicas, conforme Ribas (2004, p. 158)

Dentre as estratégias mais utilizadas durante a aquisição do *onset* complexo, a autora descreve

por ordem de frequência as ocorrências observadas, conforme quadro abaixo.

(Continua)

Estratégias	Exemplos
Substituição de líquida	prato → ['platu]
Metátese	cobra → ['kɔrba]
Substituição de obstruente	pedra → ['pɛwka]
Epêntese	trem → ['terɛj]
Semivocalização	bloco → ['bwɔku]

(Conclusão)

Estratégias	Exemplos
Apagamento da sílaba CCV	travesseiro → [vi'seru]
Coalescência	trem → ['sêj]
Assimilação (traço da obstruinte seguinte)	estraga → [is'kaga]
Assimilação da coda nasal	brinca → ['mĩnka]
Metátese das plosivas	dragão → [ga'dãw]
Produção de C ₂ V	bicicleta → [bi'lɛta]
Produção de V	procurar → [oku'ja]

Figura 3 - Estratégias de reparo usadas entre as idades de 1ano e 5anos e 3 meses (extraído de RIBAS, 2004)

As estratégias observadas na figura acima mostram uma grande utilização de recursos cujo alvo é C₂, modificando a estrutura silábica ou apagando-a.

A epêntese, estratégia de reparo a que nos dedicamos a dar uma atenção especial neste artigo é um estratégia em que há inserção de um fonema, para o português brasileiro, que geralmente é uma vogal.

Segundo regras fonológicas, nossa língua admite coda com apenas os fonemas /r, L, S, N/. Portanto, palavras como "ritmo, captura e corrupto" serão produzidas foneticamente como "rítimo, capitura e corrupito", ou seja, ocorrerá o acréscimo de material fonético.

Não raramente, durante a aquisição fonológica, pode-se observar o mesmo processo atuante no *onset* complexo. Pode-se observar em exemplos como "parato, tigiri, birinquedo".

Desse modo, a sílaba do *onset* complexo que era constituída por CCV passa a ser CVCV, que caracteriza uma simplificação, observada nos dados de Ribas (2002), sendo sempre a vogal inserida uma cópia da vogal original da sílaba complexa, conforme demonstra o exemplo: "prato" → [pa.ra.tu].

METODOLOGIA

Este estudo tem como objetivo verificar a ocorrência da epêntese em dados de fala de dois grupos distintos de crianças. Para demonstrar tais achados, foram divididos os sujeitos em dois grupos que pudessem formar uma amostra da aquisição

fonológica normal, constituindo a Amostra A, e uma amostra da aquisição fonológica atípica, constituindo a Amostra B.

AMOSTRA A

A amostra A exemplifica a aquisição fonológica normal e optou-se por obter dados oriundos de um estudo longitudinal. Este relato de caso constituiu-se do acompanhamento do desenvolvimento fonológico de uma criança do sexo masculino com idade de 3:5 a 3:7, não frequentador de escola.

Os responsáveis pelo sujeito foram submetidos a uma anamnese criteriosa, que pudesse descartar qualquer interferência orgânica, neurológica, psiquiátrica, auditiva e de doenças em geral da criança, confirmando uma história clínica e desenvolvimental compatível com adequada aquisição da linguagem. Além disso, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

A coleta de fala foi realizada por uma fonoaudióloga, gravada com o Minigravador de Voz Digital Dvr 264. Manteve-se um roteiro que estabelecia um ciclo em que houve gravações intercaladas da interação da criança com a mãe e a intervenção do pesquisador, conforme o cronograma a seguir. Durante as coletas, a criança mostrou-se bastante comunicativa, desinibida, não demonstrando desconforto com a gravação. A primeira coleta foi apenas interação entre a mãe e a criança, sem interferência do pesquisador, descartando o viés que poderia ser atribuído quanto ao objetivo do trabalho e para que os dados pudessem ser comparados com os do instrumento.

Tabela1 – Cronograma das entrevistas realizadas com o sujeito cujos dados compõem a amostra A

Entrev.	Idade	Tipo de coleta	Duração da coleta
1 ^a	3:5	Fala espontânea	21'35"
2 ^a	3:5	Figuras temáticas	16'36"
3 ^a	3:6	Fala espontânea	23'45"
4 ^a	3:7	Figuras temáticas	8'56", 4'46" e 2'48"

A segunda coleta compreendeu a avaliação fonológica através do instrumento Avaliação Fonológica da Criança (AFC) proposto por Yavas, Hernandorena e Lamprecht (1991). Os dados de fala são resultado de nomeação espontânea evocada através de cinco desenhos temáticos que compõem o instrumento de avaliação, com até 125 itens lexicais, contendo os diferentes segmentos que aparecem em todas as posições silábicas por, pelo menos, três vezes. Além desse, utilizaram-se como apoio algumas miniaturas, para elicitarem eventuais palavras não produzidas espontaneamente pela criança ao ver as figuras temáticas.

Esse tipo de coleta teve como objetivo verificar se a criança realizava a epêntese em maior número em fala espontânea gerada pela interação da mãe, ou seja, em ambiente familiar, ou em ambiente de entrevista, frente a um gravador e ao pesquisador.

AMOSTRA B

Os dados da amostra B exemplificam a aquisição fonológica atípica e constituem-se dos dados de fala de 37 sujeitos com idades entre 5:0 e 10:0 anos, com diagnóstico de desvio fonológico evolutivo, oriundos do Banco de Dados VALDEF,⁴ aprovado pelo comitê de Ética e Pesquisa da Feevale.

A participação dos sujeitos no estudo foi consentida formalmente por seus responsáveis através da assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido, no qual foram apresentados a natureza da pesquisa, seus objetivos e métodos.

⁴ VALDEF – Banco de dados do projeto de Pesquisa Variação Linguística e aquisição com desvios: questões para inclusão social; Linha de Pesquisa: Qualidade e Inclusão Social; Grupo de Pesquisa em Corpo, Movimento e Saúde, desenvolvido na Universidade Feevale.

Os responsáveis submeteram-se ainda a uma anamnese criteriosa, que inclui informações a respeito de dados do desenvolvimento do sujeito desde a vida intrauterina até o presente momento, na qual se investiga a existência de disfunções neurológicas evidentes, o que poderia descaracterizar a alteração de linguagem como desvio fonológico evolutivo.

Em seguida, iniciaram-se as avaliações, que abrangem avaliação de linguagem e avaliação fonológica, para as quais se realizou coleta de fala, registradas com um gravador Minicassete Recorder RQ-L11 da marca Panasonic; avaliação de motricidade orofacial; triagem do processamento auditivo; avaliação da consciência fonológica; avaliação audiológica para confirmação de limiares auditivos normais; avaliação do processamento auditivo e avaliação otorrinolaringológica.

A avaliação fonológica foi realizada através da aplicação do instrumento AFC. Essa avaliação permitiu a definição do grau de severidade do desvio fonológico evolutivo (através do cálculo do percentual de consoantes corretas - PCC), a variabilidade de produção, análise de traços distintivos e análise de processos fonológicos. Na avaliação de motricidade orofacial, observaram-se aspectos referentes à mobilidade, função, tensão e ao aspecto geral das estruturas. Na triagem do processamento auditivo, avaliaram-se as habilidades auditivas de localização sonora, memória sequencial para sons verbais, memória sequencial para sons não verbais e a presença ou ausência do reflexo Cócleo- Palpebral.

A avaliação da consciência fonológica foi realizada através da aplicação do instrumento CONFIAS – Consciência Fonológica Instrumento de Avaliação proposto por Moojen *et al.* (2003).

A partir desses dados, foram descritas e analisadas as estratégias de reparo utilizadas nas palavras que contêm *onset* complexo em posição inicial e medial dos sujeitos estudados, a fim de demonstrar a ocorrência de epêntese nos dados do grupo em estudo.

O que se pode observar é que a criança não mostrou diferenças de produção, sendo o único diferencial o tempo das coletas, que foram menores em fala espontânea do que quando coletadas com o instrumento de avaliação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao considerar como foco deste estudo a realização da epêntese por um grupo que representa a aquisição fonológica típica comparada a um segundo grupo que representa a aquisição fonológica atípica, recapitula-se a questão motivadora deste estudo: há preferência pela realização da epêntese por alguma das duas amostras estudadas? Se sim, por que isso ocorre?

O levantamento dos dados da amostra A baseou-se em uma análise qualitativa, visto que não foram realizados a variabilidade de produção, a análise por traços e por processos, nem o PCC, pois o sujeito que representa essa amostra apresenta desenvolvimento fonológico típico.

A seguir, foram transcritas todas as ocorrências de epêntese em que o alvo era o *onset* complexo.

Amostra A	
ALVO	PRODUÇÃO
Prato	[πα.×Pα.τυ]
Trilho	[τι.Πι.Λυ]
Braço	[βα.×Pα.συ]
Placa	[πα.×λα.κα]
Planta	[πϙ.×λϙ.τα]

Figura 3 - Dados da Amostra A

Os resultados da amostra B, transcritos abaixo, representam apenas aqueles alvos em que ocorreu o processo de epêntese e ainda apenas as crianças que realizaram tal processo.

Amostra B		
	ALVO	PRODUÇÃO
S1	Livro	[×λι.συ.Ρυ]
	Flor	[φυ.×λοP]
	Gramma	[γϙ.×Pϙ.μα]
S2	Prato	[πα.×Pα.τυ]
	Franja	[φϙ.×Pϙ.ζα]
	Braço	[βα.×Pα.συ]
	Trem	[τε.×Pεφν]
S3	Tigre	[×τʃι.γι.ι]

Tabela 2 – Dados da Amostra B

Diante dos resultados obtidos pelo estudo, puderam ser levantadas as seguintes conclusões:

a) Quanto à produção do OC, não foi verificado no Grupo A, plenamente justificável pela idade do sujeito, já que a aquisição dessa estrutura se dá próximo aos cinco anos de idade. Já no Grupo B, verificou-se o uso da produção correta, assim como a redução de encontro consonantal (REC) e também a epêntese.

Embora não tenha sido verificada nenhuma ocorrência no Grupo A, cabe ressaltar que alguns ambientes podem ser considerados favoráveis para a ocorrência de CCV.

Com relação a ambientes favoráveis, a literatura mostra que, para a estrutura C/I/V, têm-se os seguintes facilitadores: I) núcleo com a vogal “a” ou “i”, e II) plosiva labial surda. Para a estrutura C/r/V, observam-se: I) obstruinte labial e sonora; II) CCV em *onset* medial, sendo o elemento antecedente a vogal /o/; III) sílaba fraca o pé métrico do acento; IV) vogal da sílaba CCV ser /i/, /u/ ou /a/ (RIBAS, 2004, p. 162).

Considerando a preferência entre C/r/V e C/I/V, Ribas (2004) afirma que, durante a aquisição do CCV, a criança demonstra que está lidando com o domínio da sílaba e não apenas os segmentos que compõem a sílaba, já que ambos os grupos são

adquiridos simultaneamente.

b) Quanto ao ambiente favorecedor para a realização da epêntese, não foi verificado na amostra A, embora das cinco ocorrências de epêntese, três impliquem a estrutura C/r/V e duas impliquem a estrutura C/l/V. Em se tratando, porém, do contexto seguinte, observou-se que, em quatro das cinco possibilidades, houve a duplicação da vogal /a/ contida no núcleo da sílaba complexa e apenas uma ocorrência nos mesmos moldes para a vogal /i/.

Quanto ao grupo B, observa-se que as ocorrências de epêntese na coleta de fala dos três sujeitos não totalizam mais de 1% das possibilidades, inviabilizando a análise quanto à preferência por OC específico, embora o S2 demonstre maior realização de epêntese em alvos C/r/V – cinco ocorrências de seis possibilidades. Vale ressaltar que, na amostra desse sujeito, as possibilidades de OC com a estrutura C/l/V é sete vezes maior do que as com a estrutura C/r/V e, ainda, todas as ocorrências de epêntese implicam *onset* complexo inicial.

c) Com relação à ocorrência da epêntese, houve cinco ocorrências de epêntese num montante de 102 possibilidades na amostra A, não sendo significativa para uma análise quantitativa, porém fica evidente que esse processo está presente no sistema fonológico do sujeito. Na amostra B, essa relação é vista da seguinte maneira: dos 37 sujeitos, apenas três realizaram a epêntese em OC e ainda, desses três sujeitos, S1 realizou uma de 34 possibilidades, S2 realizou seis de 35 possibilidades e o S3 realizou uma de 28 possibilidades.

Quando pensamos em processos fonológicos, pensamos em estratégias de reparo que possam facilitar a produção de algo mais complexo. Porém, vemos um dos processos utilizados na aquisição fonológica é a epêntese, que se caracteriza por uma manobra complexa, pois há acréscimo de fonema, e não uma redução. Então, pensamos: por que uma criança faz epêntese, tornando um CCV em CVCV nessa situação específica, em vez de fazer uma redução de encontro consonantal? Parte-se da hipótese de que essa criança poderá estar mais sensível à estrutura da sílaba, nesse caso, o OC, do que aquela criança que realiza a REC, fazendo uma estratégia de reparo mais complexa. Portanto, ela tem o conhecimento de tal estrutura, já que inicialmente não consegue produzir (CCV),

demonstra possuir um elemento entre a consoante (C¹) e a vogal. Nesse caso, faz [pa'ratu] em vez de ['patu], pois a criança sabe que deve ser preenchido o lugar que /r/ ocupará posteriormente na posição de C2. Isso reflete o conhecimento que a criança tem sobre a língua.

Desse modo, entende-se que a amostra B, embora tenha maior produção de epêntese, representa a aquisição fonológica atípica de três sujeitos, o que reflete uma menor utilização dessa estratégia comparada aos dados da amostra A. Sendo assim, a epêntese parece ser mais uma etapa anterior à aquisição plena do OC, que pode ser utilizada por crianças que estejam com o desenvolvimento fonológico adequado, do que uma característica desviante.

E, ainda, uma última questão que pode ser levantada a respeito das características desses dois grupos, que poderia vir a corroborar com os achados da literatura, é a seguinte:

d) em ambos os grupos, não ocorreu a **palatalização das coronais**, quando usada a redução de encontro consonantal, sugerindo que a criança tem um conhecimento sobre o sistema fonológico, prevendo a inserção de um segmento futuramente. Portanto, para a palavra “trilho”, não foi verificada a produção ['tʃi.lu] e sim ['ti.lu].

Para isso, Lamprecht (2004) resalta que a fala da criança, mesmo com desvio fonológico evolutivo, tem uma fonologia, pois, embora haja aspectos que marcam a atipia, há um sistema organizado em que os fenômenos atuam em uma classe de sons, traços e estruturas silábicas.

CONCLUSÃO

O trabalho levantou aspectos relevantes da ocorrência da epêntese no processo de aquisição e desenvolvimento fonológico. Acredita-se que, através da representação da aquisição do OC, fonoaudiólogos podem se apoiar em tal trabalho para elaborar terapias com enfoque fonológico, já que ele demonstra como a aquisição dessa estrutura ocorre e quais as principais estratégias de reparo implicam na sua estrutura.

Para responder à pergunta deste trabalho, podemos levantar a hipótese de que a ocorrência da epêntese se trata de uma estratégia complexa de reparo em que a criança é sensível para perceber a necessidade de um segmento entre C e V no caso do

CCV, mas a aquisição é regida pela estrutura silábica e não pelo segmento. Portanto, parece ser mais frequente a ocorrência da epêntese em crianças com desenvolvimento fonológico típico, pois demonstra uma análise linguística mais apropriada devido a tentativas de organização do sistema fonológico, representadas pela produtividade da epêntese em crianças com um tipo de desenvolvimento e naquelas com desenvolvimento atípico não.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, E.C. **O gesto e suas bordas**. Esboço de fonologia acústica-articulatória do português brasileiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2001.
- LAMPRECHT, R. R. (Org.) et al. **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- LAMPRECHT, R. R. Desvios Fonológicos: evolução na pesquisa, conhecimento atual e implicações dos estudos em Fonologia Clínica. In: LAMPRECHT, R. R. et al (Org.). **Aquisição da Linguagem**: questões e análises. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 61- 80.
- MATZENAUER, C. L. M. Bases para o entendimento da aquisição fonológica. In: LAMPRECHT, R. R. et al (Org.). **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004.
- MOOJEN, S. (Org.); LAMPRECHT, R. R.; SANTOS, R.; FREITAS, G.; BRODACZ, R.; COSTA, A.; GUARDA, E. **Consciência Fonológica**: Instrumento de Avaliação Sequencial. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- RIBAS, L. P. **Onset Complexo nos Desvios Fonológicos**: descrição, implicações para a teoria, contribuições para terapia. Porto Alegre: 2006. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, 2006. 140f.
- RIBAS, L. P. Sobre a aquisição do onset complexo In: LAMPRECHT, R. R. et al (Org.). **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre, RS: Artmed, 2004, p. 151-164.
- RIBAS, L. P. **Aquisição do onset complexo no português brasileiro**. Dissertação (Mestrado em Letras) - PUCRS, Faculdade de Letras Porto Alegre, 2002. 166 f.
- SELKIRK, E. O. **The syllable**. In: Hulst e Smith (eds.) The structure of phonological representation. Dordrecht: Forris, v. 3, p.337-383, 1982.
- SPÍNDOLA, R. A.; PAYÃO, L. M. C.; BANDINI, H. H. M. Abordagem Fonoaudiológica em Desvios Fonológicos Fundamentada na Hierarquia dos Traços Distintivos e na Consciência Fonológica. **Revista CEFAC**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 180-189, abr-jun, 2007.
- YAVAS, M. S.; HERNANDORENA, C. L. M.; LAMPRECHT, R. R. **Avaliação fonológica da criança**: reeducação e terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.